

do Archivo da Torre do Tombo, que já o Conselheiro Fiscal das Obras Publicas tem as convenientes Ordens para proceder com a maior brevidade as Obras necessarias, para melhorar o Edificio do Archivo, e para augmentá-lo de maneira a conseguir-se a melhor conservação dos Documentos, e Papeis que alli se guardam, e a haver logar para comoda arrecadação dos que, pertencendo a differentes Tribunaes, e Repartições extinctas, para alli foram, ou hajam de ser mandados transferir; e que igualmente se sollicitou a entrega dos quartos, que occupava a extincta Secretaria do Registo Geral das Mercês, para serem destinados ao mesmo fim».

Palácio das Necessidades em 14 de Novembro de 1833.—*Joaquim Antonio de Aguiar.*

(*Chronica Constitucional de Lisboa*, de 16 de Novembro de 1833).

P. A. DE AZEVEDO.

Uma primicia de epigraphia funeraria romana

O Minho não é extremamente generoso em espolios archeologicos. Seria erro inferir de tal escassez a correlativa dispersão dos seus habitantes nas epocas antigas. A grande abundancia dos castros, cidades e castellos, para não me referir senão a uma idade, demonstra que aquella região foi tão densamente habitada como hoje. E temos outra prova no onomastico. A frequencia porém dos vestigios está na razão inversa da população; é esta, por ser intensa, que vae de seculo em seculo destruindo as reliquias do passado. Por isso, quando ali surge do solo uma antigualha inedita, immune dos attentados das gerações, cumpre logo registá-la devidamente. É para compensar os effeitos da lei que acima deixo enunciada, que se organizam os museus publicos.

A antigualha, de que agora dou conta, é uma estêla funeraria proveniente da freguesia de Grade, concelho dos Arcos de Valdevez. É a primeira do concelho. O logar do achado é bem na serra, mas não longe de um monte fortificado ou castro protohistorico. Nenhumas outras indicações archeologicas existem. Deu-me d'elle conhecimento o Ex.^{mo} Sr. João Vasconcellos, a quem o Museu Ethnologico Português já deve o ter-se salvo da forja um machado de bronze da mesma região e fica devendo agora mais o cuidar da remessa d'esta lapide para Belem. Seguidamente o Rev.^{do} P.^e Manoel Brito, a cuja dedicação o mesmo

estabelecimento deve tambem uma preciosidade de ceramica prehistorica, enviou ao autor d'este artigo uma copia. A tosca pedra tem a fórma de rectangulo alongado, terminado por um frontão asimétrico, em cujo centro se vê desenhada bem claramente uma cruz. A aspereza do granito e a imperfeição da gravura das letras parece-me que não podem ser excedidas; collaboraram de mãos dadas na extraordinaria rudeza do monumento. Os caracteres são abertos profundamente quasi todos, mas as suas fórmas não deixam de ser pouco precisas. A parte essencial (Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, 246) da inscripção está gravada dentro de um quadrilatero rebaixado na lapide.

Dimensões são: altura de um lado 0^m,75, de outro, 0^m,72, ao vertice do frontão 0^m,95; largura na base 0^m,53; altura media das letras 0^m,07. A lapide

parece ter servido de tranqueiro de portada *antes* da gravura da inscripção.

Eis a legenda:

A N D I I
R C A C A
T V R O N
I F A X V I
H I C S I T

E a lição:

Anderca, Caturoni F(ilia), a(nnorum) XVI, hic sita.



Que se traduz: *Anderca, filha de Caturono (ou Caturonio?), de 16 annos de idade, aqui sepultada (está).*

Anderca apparece agora pela primeira vez, e é evidentemente nome feminino. Ha hoje no Museu Ethnologico Português uma lapide de Valença com *Andercus*. É a que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2465, e á qual se refere A. Holder (*Alt-Celtischer Sprachschatz*) s. v. *Andergus*.

Quanto a *Caturoni*, na obra citada de Holder encontra-se tambem registado hypotheticamente *Caturonus* (s. v. *Caturo*). De *Caturo-onis* ha varias epigraphes na peninsula (e no Minho)¹; *Caturoni* (genitivo) é o segundo exemplo conhecido na Peninsula.

No peito da donzella, tão louçã de primaveras, pulsava sangue de Celtas; d'estes provinha tambem o pae, de cuja doçura de sentimentos, apesar de barbaro, nós encontramos hoje, passados quasi dois mil annos, o commovente documento. Os nomes da epigrapha são considerados celticos, o que dá importancia especial á lapide arquense, visto attestar authenticamente, partindo da exacta origem do onomastico, a existencia e fixação de Celtas nesta região e a sobrevivencia da sua raça durante o periodo da dominação romana, a cuja epigraphia a estela pertence.

A inscripção termina pela fórmula tipica *Hic sita [est]*. Na pedra lê-se HIC SIT(a). Não posso descobrir a palavra *est* ou sigla que lhe correspondesse. Mas ha muitos exemplos d'esta ellipse. Basta ver o *Corp. Inscr. Lat.*, vol. II, nos titulos 117, 153 e 948, que são da *Lusitania*, e 4386 com 4402, que pertencem á *Tarraconense*.

*

Tentemos agora a chronologia d'esta inscripção, tanto quanto o permite a pouquidade da minha competencia. Para conhecer pois da epoca em que foi lavrado este epitafio, preciso é fazer o seu estudo paleographico através da quasi indecisão dos caracteres e da indocilidade da pedra.

De facto, a natureza granular do áspero granito da estela de Grade exerceu nociva influencia no trabalho lapidario. Para que os caracteres ficassem quanto possivel distinctos nas suas formas, teve o quadratario (certamente improvisado) a precaução de separar hastes que deviam tocar-se (veja-se o N, linha 1.^a e o V, linha 4.^a), de arredondar o que

¹ Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 753 e 2378; e *Revista Archeologica*, II, pag. 172. Esta ultima epigrapha authentica tambem o celtismo de *Caturo* e *Caturonus*.

devia ser anguloso (vejam-se os A); não obstante, através d'estas diferenças, creio que se podem entrever as fôrmas paleographicas, que, na epigraphia propriamente romana, variaram conforme as epochas ¹ desde Cesar a Constantino.

Outra observação que se deve fazer é que a 4.^a letra da 1.^a linha (II) e talvez a 2.^a e 3.^a da 4.^a (F e A) ² pertencem exclusivamente ao genero de escrita a que Hübner chama *lapidaria vulgar*, isto é, não monumental ³ como deveria ser uma inscripção. Isto tem importancia chronologica, como veremos. As letras de natureza monumental d'esta inscripção (A N R) que em seculos posteriores ao sec. II começaram a ser mais estreitas ⁴, revelam, através da sua rudeza, tendencia para a fôrma mais antiga e mais classica.

Cotejando esta epigraphie com algumas da Gallecia (Hübner, *Exempla*) de idade assinada, parece encontrar-se semelhança, principalmente com as do sec. I e II do que com as do III e posteriores ⁵.

Identica fôrma das letras na presente inscripção, do C (a modo parabolico e não circular), do S (estreito e pouco simetrico), do D e O (não circulares ou quadrados, como se exprime Hübner), vê-se na epigraphie

¹ Basta ver os alfabetos apresentados por Hübner, nos *Exempla scripturae epigraphicae*, pag. LIII. Diz tambem este autor, referindo-se á Hispania, que dada a sua vastidão e variedade ethnica, não admira *litteraturam non aequabilem esse*, differindo de algum modo os titulos da Betica dos da Lusitania e da Tarraconense (*Exempla*, p. 70).

² Não é certa a leitura d'esta fôrma do A. Parece porem não ser natural aquelle traço obliquo. Em todo o caso, d'elle diz Hübner (*Exempla*, LIV) que é propria da escrita vulgar, e já apparece nos titulos sepulcraes do sec. I e depois nas inscripções da Italia no principio do sec. II, do fim nas da Gallia, Attica, Hespanha e Africa (*Corp. Inscr. Lat.*, II, 1127, 1607, 1652, 1982, 3258, 3690, 3777, 3994, 4047).

A par d'isto, tambem se poderá interpretar este A como não terminado em vertice agudo, mas em arco que ligaria as duas hastes convergentes da letra. Esta fôrma, que evidentemente pertence á mesma classe de AA, e deve ser apenas mais rude, vem num titulo semibarbaro da Gallia da epocha de Cesar, juntamente com o II da nossa inscripção. (Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, v, 6553). A *typographia* não tem estas fôrmas.

³ Escrita vulgar, na epigraphia romana, vem a ser a cursiva (a que era aberta com estilo ou ponteiro em alguma materia molle) empregada nos monumentos, e por isso encontra-se principalmente nos de natureza particular, não publica, sagrados ou sepulcraes. (Hübner, *Exempla*, CXLIX, p. XXIV e LIII, e *Corpus*, II, 1067, 1112, 1382, 2632, 3330, 5065).

⁴ Vid. Hübner, *Exempla*; *passim*.

⁵ A variedade das inscripções romanas na Hespanha está desde o sec. II na razão inversa dos tempos. *Paucissimae* são já as do sec. IV. (Vid. Hübner, *Exempla*, p. 269 e LXXXIII, etc.).

n.º 40 (Hübner, *Exempla e Corpus*, II, 3294) que é de parte do sec. I (Cesar a Nero); a qual, para mais, comprova na Hispania o uso conjuncto da letra vulgar H pelo E monumental, como na de Grade¹, com as outras. O uso da escrita vulgar (*scriptura vulgaris lapidaria*) tornou-se commum nas provincias do imperio desde o sec. I, e, como na lapide de Grade, nesse tempo ella era *lata et profunda*, derivando *aetate procedente para magis gracilis et fugitiva*², qualidades que, ainda descontando a aspereza de granito, estão longe de se adivinharem.

Ha porem duas letras nesta inscripção que abatem um pouco a antiguidade que, pelas anteriores razões, seria levado a assinar-lhe em meu fraco juizo; são o T e F. Esta desde o fim do sec. I acompanha identica transformação do E³; aquella, na sua mais antiga fórma, tem o traço superior horizontal; com o andar dos tempos perde a sua austera figura, procurando graciosidade na inclinação do chapéu, tal qual alguns janotas dos nossos dias. Se já no tempo de Claudio apparece na escrita pintada, no sec. II é que se torna frequente⁴.

Apoiada nestes fundamentos paleographicos, creio que poderemos aventar a conclusão de que a tosca lapide de Grade pertence a um periodo que abrange a segunda metade do sec. I, e a primeira do sec. II⁵.

A presença nesta epigraphe de dois nomes celticos não autoriza, creio eu, que a desviemos muito para áquem da primeira talha d'a-

¹ Esta letra só no sec. II é que apparece na Galia e na Germania. Em Pompeios encontra-se nos letreiros pintados, escritos a carvão e feitos com ponteiro (*Corp. Inscr. Lat.*, IV, p. 267 e n.ºs 806, 807). Na Italia refere o *Corpus* uma no volume I, 1416, que está comprehendida na serie da guerra de Hannibal até á morte de Cesar. O autor do *Corpus* deriva-a do E monumental, e diz que *nunquam in monumentis publicis invenitur*. Mas em Cagnat (*Cours d'épigraphie latine*, p. 3) vê-se já no alfabeto archaico dos sec. V e VI de Roma. No *Corpus*, IX, vêem-se 11 epigraphes. Vid. tambem Le Blant, *Inscriptions chrétiennes de la Gaule*, II, 438.

² Vid. Hübner, *Exempla*, p. 424 e XLVI e LIII. Comparem-se tambem algumas letras com as do tit. n.º 446, *op. laud.*, que é de Braga e do fim do sec. I.

³ No cursivo pompeiano ainda não apparece. Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, p. 7 e 14. Percorram-se tambem as inscripções que Hübner nos dá nos *Exempla*, desde Vespasiano a Commodo (segunda metade do sec. I e II). Nos mesmos titulos se encontra o T.

⁴ Vid. Cagnat, *op. laud.*, p. 21, e Hübner, *Exempla*, p. LIII e sqq.

⁵ ... Il ne faut pas s'attacher outre mesure aux petites différences qu'on pourra remarquer dans ces alphabets; ... en dehors de Rome, la perfection de l'exécution dépendait beaucoup de l'habilité du graveur et des ressources dont il disposait; ... dans l'ignorance où nous sommes de ces particularités, on s'exposerait, pour vouloir tirer de l'aspect des inscriptions des conclusions trop précises, à commettre des erreurs regrettables. Cagnat, *op. laud.*, p. 5.

quelle periodo; mas, neste particular, seria necessario que se tivesse apurado já o mais recente limite do apparecimento na epigraphia da Hispania de nomes celticos.

Tendo de se apreciar a antiguidade de uma inscripção romana, depois do exame paleographico, deve tambem considerar-se o formulario seguido. Apesar de breve, a presente epigraphie, indica a idade do defunto, a filiação, e o logar da sepultura. Estes accessorios não são de primitivos tempos, em que o epitafio simplesmente exarava o nome do sepultado sem mais indicações¹. Não pode pois attribuir-se este monumento a seculo anterior ao I da era christã. Mas poderia inferir-se da ausencia das sacramentaes siglas D. M. S. introduzidas, segundo Cagnat, no tempo de Augusto, que a epigraphie de Grade lhe era anterior. A esta presumpção se oppõe, creio eu, a paleographia da lapide, e portanto pouco custa admittir excepções para esta novidade epigraphica, tanto mais que o monumento era de uma região inteiramente agreste e pertencia a barbaros, embora romanizados.

*

O exame da lapide de Grade pode causar aos olhos mais prescru-tadores justificavel surpresa, que merece alguns instantes de estudo.

Como é que um monumento funerario do sec. I ou II da era christã se apresenta, na peninsula hispanica², coroado por um frontão, onde está gravada uma cruz, habitual sêllo de procedencia christã?

Sem embargo, a lapide de Grade é caracteristicamente pagã, ainda admittindo que fosse mais recente do que o é para o meu bom ou mau criterio.

Em primeiro logar; se o estudo paleographico da inscripção me guiou mais ou menos aproximadamente áquelle resultado (posto que eu esteja infinitamente longe da infallibilidade e não menos de pre-tensões a ella), só por si, este facto contraria a attribuição christã do presente monumento.

Mas, prescindindo d'esta incompatibilidade, aos leitores d'*O Archeologo* póde interessar saberem por que outros motivos a inscripção de Grade é pagã, não obstante a cruz.

¹ Cagnat, *op. laud.*, p. 244.

² As primeiras igrejas christãs na Peninsula datam do sec. III (vid. *Sur les Religions*, par José Leite de Vasconcellos, pag. 8).

Ora são estas, creio, as razões:

1.^a O aturado estudo comparativo da Epigraphia levou ao conhecimento dos especialistas a existencia de formularios adoptados; não só os de origem pagã (romanos) differem dos de procedencia christã, como entre os epitafios d'esta ultima natureza, pela formula empregada, se pode apreciar, na Gallia pelo menos, a epoca a que pertencem. Não admira que o christianismo, germinando nas catacumbas, cuja epigraphia teve nos nossos tempos um verdadeiro criador (Rossi), banisse o formulario pagão, estabelecendo outro, cuja significação inspirou a E. Le-Blant paginas cheias de encanto e de verdade. Ora, quer na Gallia, quer na Hispania é muito menos em Roma, nenhuma inscripção christã apparece com a formula *hic situs est*, que aliás poucas epigraphes sepulcraes romanas deixam de conter. A formula christã mais antiga é, *hic requiescit*, que melhor se coadunava com a ideia christã da sepultura¹.

Esta expressão iniciava e não fechava o epitafio christão.

2.^a A cruz, simbolo christão, não se revelou em França senão no principio do sec. vi (Le-Blant); anteriormente a este usaram-se outros symbolos (a ancora, o peixe, a pomba); na Hespanha o mais antigo titulo christão que encontrei ostentando a cruz é do sec. v (Hübner, n.º 42); de facto este sinal patente do christianismo não podia apparecer senão depois de Constantino, isto é, do edito da paz (Rossi²); com esta epoca porém não é compativel a lapide de Grade, nem pela paleographia, nem pela redacção de antigo sabor (*priorum saporem referens*, Rossi), tratando-se de epigraphia christã, nem mais especialmente pela fórmula epigraphica e falta de outros elementos accessorios (*famulus Dei*, dia da morte, etc.).

Em conclusão pois, não podendo a figura cruciforme da lapide de Grade ser interpretada como simbolo christão, e mostrando o epitafio

¹ Isto é uma synthese; farei as indispensaveis referencias: sobre as fórmulas das inscripções christãs da Hispania, das quaes as mais antigas são do sec. v, vid. *Inscrip. Hisp. Christ.*, de Hübner, pag. v, ix, xi. Sobre as inscripções christãs da Gallia, as obras de E. Le-Blant, especialmente *L'épigraphie chrétienne en Gaule*, pag. 7 e 18; ahi ainda apparece nos mais antigos marmores christãos *hic jacet*, *hic pausat*; na Hispania o facto de em uma inscripção estar *hic i(acet)*, faz dizer a Hübner *verba fortasse christiana putanda* (*Corp. Inscr. Lat.*, II, 1145). Acêrcia dos epitafios christãos de Roma vid. J. B. de Rossi, *Inscr. Christ. U. Romae*, pag. cx e cxi. No vol. II do *Corpus*, uma vez só apparece em epitafios pagãos a frase *hic q(u)iescit*, collocada ao fim porém (n.º 3670, Maiorca).

² Vid. *Dict. des antiq. chrét.* Martigny, sc. v *monogramme*.

obedecer inteiramente ao formulario pagão, deve ser considerado pagão o monumento ¹.

A figura composta de dois traços cruzados na lapide arquense é um ornato, com que se occupou o rude frontão da lapide, depois de contornado com dois sulcos, do que resultou um toseco triangulo. Em outra região e com outra casta de pedra, talvez o abridor do epitafio tivesse sabido pôr naquelle logar uma roseta, como se costumava ².

A lapide de Grade fica em todo o caso sendo, na epigraphia lusitano-romana, um monumento de valor, já pela sua característica rudeza, já pela inserção de dois nomes celticos, já pela provincia a que pertence, já pela presença da figura cruciforme em estéla pagã.

Com ella enriqueceram o Museu Ethnologico Português os dois dedicados cavalheiros e amigos meus, a que me referi no principio d'este artigo.

Abril de 1904.

FELIX ALVES PEREIRA.

Catalogo dos pergaminhos existentes no archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães

Um dos mais antigos e mais ricos archivos do reino era sem duvida o da Insigne e Real Collegiada de Guimarães, cuja instituição primitiva ascende aos principios do seculo x. Na collecção *Diplomata et Chartae* dos *Portugaliae Monumenta Historica* apenas se encontram publicados 4 documentos de epoca mais afastada.

A quasi totalidade dos documentos em pergaminho, anteriores ao anno de 1600, existe hoje na Torre do Tombo, porque em execução do decreto de 2 de Outubro de 1862 a este archivo foram recolhidos em 1863. Antes porém d'esta data, já se tentára recolher á Torre esses documentos.

É o que vamos narrar como preambulo ao Catalogo que ora publicamos.

¹ No *Catalogue of the inscribed and sculptured stones preserved in the Blackgate Museum* (1886) vejo uma ara de pedra com uma cruz, que não lhe tira a qualidade de pagã, segundo se prova.

² Os traços em cruz lembram um esboço de florão como os das lapides beirãs do *Archeologo*, I, 198. A cruz dos epitafios christãos, quando encima as lapides, não tem a fôrma simples d'esta de Grade, mas é espalmada. Pela figura se vê que as suppostas hastes se ligam aos traços do frontão, accentuando a intenção puramente ornamental.